

VALE-TUDO

General Ref. HORÁCIO DOS SANTOS

Quando instrutor de Ataque e Defesa na E. E. F. E., lembrei-me de criar uma luta de caráter nacional que exprimisse de fato as tendências naturais da nossa gente, a exemplos de muitos povos que têm metódicamente organizado as suas escolas de pugilismo.

A idéia foi lançada nesta revista no ano de 1933, evidentemente, sem alcançar êxito, porquanto, naquela época, estávamos subordinados aos regulamentos franceses, teóricamente perfeito para serem aplicados em organizações militares de serviço a longo prazo, mas não no nosso Exército, onde a passagem do cidadão pela caserna é muito curta. O resultado estava previsto: dificuldade de sua aplicação integral, visto que se afastava também das nossas tendências naturais.

Na verdade, todos os povos, desde os mais atrasados aos mais adiantados, tem seus hábitos e maneiras de agir, influenciados pela raça, meio social, clima, alimentação, educação e outros fatores.

Para melhor esclarecer, tomemos como ponto de partida o japonês, raça minúscula, porém, muito bem apurada. Quando se empenha em luta corporal, êle aplica o seguinte método: primeiro, segura o adversário pela roupa para desequilibrá-lo, e a seguir, golpeia os seus pontos mais vulneráveis, reduzindo assim o seu esforço físico em benefício próprio. E, não há ninguém que duvide dos altos resultados alcançados com o ensino do Judo. Como foi então que o nipônico conseguiu atingir perfeitamente o seu objetivo? Não há dúvida, observando e desenvolvendo, durante muitos séculos, as suas tendências naturais.

Vejam agora o angloamericano. A sua concepção de luta é completamente diferente. Dificilmente agarra o adversário pela roupa. Ela é sempre empenhada a sôcos: Dar um pontapé ou um calço é considerado deslealdade. Havia mesmo entre êles um código de honra que regulava as suas ações, o qual era cumprido à risca, mesmo em luta de verdade. De acôrdo com êsse código não se permitia dar em **homem deitado**. Quando o adversário ia ao chão o outro esperava que êle se levantasse para, com orgulho e arrogância, dizer-lhe "**levanta para cair de novo**". Não se agredia também pelas costas. Só os covardes assim procediam e, por isso, eram castigados quase sempre pelos próprios assistentes.

Antigamente, de modo geral, o americano ou o inglês antes de começar a luta tirava o paletó, arregaçava as mangas da camisa, guardava os óculos, se houvesse, e só depois dessa preliminar se empenhava a fundo no corpo a corpo.

Dizem que até hoje estas convenções permanecem em vigor, e mais que, em certas cidades, pode-se brigar na rua com a presença de transeuntes curiosos e consentimento da própria polícia, que só intervêm quando os contendores tentam sacar qualquer arma, improvisada ou não.

O que é o boxe de hoje, senão a luta do angloamericano, de acôrdo com as suas tendências naturais?

Poder-se-ia dizer o mesmo com respeito ao greco-romano, francês, inglês, alemão, etc.

Agora, naturalmente, é a nossa vez de perguntar: qual deve ser, afinal, a luta que devemos adotar?

Sei que a maioria vai apontar a capoeiragem. Discordo inteiramente dêsse modo de pensar, porque, além de difícil e imprópria, foge completamente às nossas tendências naturais. Isto posso afirmar com segurança. Resido a longos anos na Praia da Urca, onde milhares de populares dos mais longínquos bairros vem, principalmente aos domingos e feriados, tomar sol e praticar desportos em sua linda enseada. Como o policiamento é deficiente, constantemente assisto brigas realizadas durante as "peladas" do futebol de praia. Para usar de sinceridade, não vi até hoje ninguém aplicar um **rabo de arraia**, um **corta capim** ou uma **cocada**, como dizem os seus praticantes.

Como, então, luta o brasileiro? Aplicando o "jiu-jitsu", o boxe, a luta livre, a luta romana? Nada disso. Êle ataca ou se defende empregando o VALE-TUDO.

Estou certo também que na hora "H" êle não pensará como o japonês, o inglês, o italiano ou o francês. Êle pensará e agirá como brasileiro, isto é, misturando todos os golpes, de acôrdo com as suas tendências naturais.

Continuando a observar, tenho verificado que essas brigas são quase sempre iniciadas com uma tomada de guarda em marcha, seguida de uma aproximação até a distância de alcance dos pés, os quais são lançados indistintamente para a bôca do estômago ou sôbre as partes genitais do antagonista. Este pontapé é quase sempre combinado com a bofetada ou sôco. Entretanto, se êle escuia ou escapa, a ação é repetida. Porém, se contra-ataca, surge o corno, que é constituído de gravatas combinadas com o empurrão do sôco e calcos para derrubar o adversário. Nesse momento êles se encaifinham violentamente e vão ao chão, onde rolam um sôbre o outro, cada qual procurando uma oportunidade para montar sôbre o adversário, prender os seus braços e atingir sem piedade, por meio de sôcos e bofetões, o rosto do seu oponente.

Esta hipótese é naturalmente feita quando o atacante é mais forte. Mas, se o atacado sabe se defender, procura anular o seu poder ofensivo por meio de contra-golpes eficazes.

Esta modalidade de luta é considerada antiesportiva e de difícil regulamentação, pois que tira partido quase sempre dos golpes proibidos das outras lutas. Isto, entretanto, não impede de torná-la nacional como é o boxe para os americanos e o "jiu-jitsu" para os nipônicos. Sôbre o ponto de vista militar, pelo fato mesmo de não ser desportiva, é que devemos empregá-la no combate corpo a corpo, porque o que se procura na guerra, na realidade, é liquidar o inimigo de qualquer maneira. E, em consequência, deve... VALER TUDO.